



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social - Jornalismo
Projeto Experimental em Jornalismo
Orientadora: Zélia Leal Adghirni

O perfil e a rotina de correspondentes internacionais

Renata Silveira Rusky

Brasília – DF, fevereiro de 2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social - Jornalismo
Projeto Experimental em Jornalismo
Orientadora: Zélia Leal Adghimi

O perfil e a rotina de correspondentes internacionais

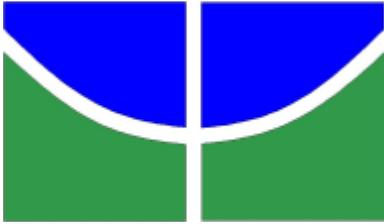
Renata Silveira Rusky
09/15335

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora Zélia Adghimi.

Brasília – DF, fevereiro de 2013

Rusky, Renata Silveira
O perfil e a rotina profissional de correspondentes internacionais
Brasília, 2013.
Total de páginas: 46.

Monografia apresentada à Universidade de Brasília, para a obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social - Jornalismo
Projeto Experimental em Jornalismo
Orientadora: Zélia Leal Adghirni

Membros da banca examinadora

Membros da banca	Assinatura
1. Professora Doutora Zélia Leal Adghirni (Orientadora)	
2. Professor Doutor David Renault	
3. Professor Doutor Sérgio de Sá	
Menção Final	

Brasília – DF, fevereiro de 2013

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à toda minha família por apoiar minhas decisões *quase* sem questionar, e por compreender minha enorme ausência durante a elaboração desse trabalho.

As minhas amigas, muitas bonitas, muitas bonitas e *piriguetes*, das quais também estive distante enquanto dedicava meu corpo e minha alma a esse projeto. Agradeço a elas por me acalmarem e distraírem quando a preocupação e o desespero tomavam conta.

A minha orientadora Zélia Leal Adghirni pela animação e motivação com meu tema e pela disponibilidade em ajudar sempre.

Aos jornalistas André Luiz Azevedo, Ariel Palácios, Carlos de Lannoy e Samy Adghirni, sem os quais essa pesquisa não teria sido concretizada.

"Becoming a citizen of the world is often a lonely business. It's a kind of exile - from the comfort of local truths, from the warm, nestling feeling of patriotism, from the absorbing drama of pride in oneself and one's own [...] Cosmopolitanism offers only reason and love of humanity, which may seem at times less colorful than other sources of belonging"

Martha Nussbaum, 1996

“Torna-se um cidadão do mundo geralmente é um trabalho solitário. É um tipo de exílio – do conforto das verdades locais, do sentimento caloroso de patriotismo, do drama e orgulho interior [...] Cosmopolitanismo oferece apenas razão e amor pela humanidade, que pode parecer algumas vezes menos cor do que outros tipos de pertencimento”
(tradução livre)

Martha Nussbaum, 1996

RESUMO

Este trabalho procura analisar as características pessoais e intelectuais necessárias a um correspondente internacional, levando-se em conta o diversos desafios pessoais e profissionais impostos a eles. Pretende-se também identificar a forma como se organizam para fazerem, sozinhos, a cobertura de um país inteiro ou uma região inteira e a relação que desenvolvem com ela.

Palavras chave: jornalismo internacional; correspondentes internacionais; noticiário internacional; rotina; agências de notícia.

ABSTRACT

This paper intends to analyse the personal and Professional characteristics demanded from foreign correspondents, taking in consideration the variety of challenges that are imposed to them. It's also intended to identify the way how they organize themselves to cover, by themselves, a whole country or a whole region and the relationship they end up developing with it.

Key words: international journalism; foreign correspondents; foreign news; routine; news agencies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA DE PESQUISA	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1. Jornalismo Internacional	14
3.2. Jornalismo de agências	16
3.3. Auge da correspondência internacional no mundo	17
3.4. No Brasil	18
4. APROFUNDAMENTO DO TEMA	21
4.1. Correspondência internacional no Brasil de hoje	21
4.2. A formação do correspondente	22
4.3. Correspondência: etnografia jornalística?	24
4.4. Olhar nacional sob o outro	26
5. DIÁLOGO COM CORRESPONDENTES	28
5.1 O que o correspondente tem?	28
5.2 Hard news x matérias de interesse	32
5.3 Liberdade e responsabilidade	33
5.4 Nosso leitor	35
6. Conclusão	38

INTRODUÇÃO

A globalização e interferência direta e indireta entre economias de políticas de todo o mundo tornam o jornalismo internacional ainda mais importante e a figura de correspondentes internacionais adquirem maior relevância. Não só a necessidade por notícias de fora torna-se urgente como também a curiosidade do brasileiro pela vida no e do estrangeiro fazem com que o correspondente apareça como peça-chave. Ele traz realidades distantes ao conhecimento de sua própria nação.

Esse interesse do brasileiro pelo exterior fica claro ao vermos números relacionados a viajantes do mundo. Com o aumento do poder aquisitivo da população, as viagens ao exterior aumentaram muito em 2011, ano em que, segundo o Banco Central (BC), foram gastos 14,635 bi de dólares em viagens para fora do Brasil, valor que, segundo o chefe do Departamento Econômico do BC, Tulio Maciel, em entrevista concedida ao Valor Econômico ainda esse ano, estabilizou-se em 2012.

Para Robert Park (1972, p. 183), o jornalista e as notícias “têm como incumbência a construção da coesão social” e a função de “orientar o homem e a sociedade num mundo real” (PARK, 1972, p. 183). O correspondente expande esse mundo real para a sociedade de um país só.

A importância crescente desses profissionais, no entanto, não acompanha a rentabilidade deles e, por consequência, a maior lucratividade das empresas de comunicação. Torna-se, então, complicado valorizá-los financeiramente ou facilitar o trabalho deles enviando mais mão-de-obra. No contexto do capitalismo, empresas jornalísticas precisam ser rentáveis como quaisquer outras e manter repórteres fora do Brasil é muito mais caro, uma vez que a lei brasileira (no 11963) protege o trabalhador no sentido de que se aplica sempre a legislação mais favorável a ele, seja a nacional ou a do território onde trabalha.

Recorre-se, então, a agências de notícias e a informações de pessoas sem formação profissional de jornalista. O desenvolvimento de tecnologias diversas acessíveis a todos permitiu que amadores por todo lugar façam uso de celulares para produzir conteúdo imagístico de importância jornalística capaz de chegar do outro lado do mundo em questão de segundos.

Todos esses fatores (a globalização, as forças de mercado que regem os veículos e as novas tecnologias) interferem diretamente no trabalho e no perfil dos correspondentes internacionais atuais. A conjuntura econômica das empresas de

comunicações e as tecnologias incorporadas à rotina profissional e à sociedade exigem características diferentes de um repórter expatriado. Esse trabalho pretende traçar, portanto, o perfil desse jornalista, a rotina profissional deles e as dificuldades que enfrentam.

Convém estipular a definição do que é um correspondente internacional, a qual é delimitada por sua função. Consideraremos, então, nesse trabalho a definição utilizada pela maioria dos autores que teorizaram sobre a profissão, ainda que eles não sejam muitos: "O correspondente internacional consiste em um indivíduo localizado em um país que não o seu de origem com o propósito de exportar eventos e características da área em que se localiza, por meio de empresas de comunicação sediadas em outro lugar (geralmente em sua nação de origem)" (Hannerz, 2011, p. 1). O correspondente internacional faz a mediação entre o "estrangeirismo" das notícias internacionais e sua audiência.

É crucial também diferenciá-lo do jornalista enviado especial. O primeiro vive permanentemente a cultura sobre a qual reporta ao seu público. Por sua vez, o enviado especial é uma pessoa que vive em território nacional, se limita a experienciar a nova cultura por tempo curto e determinado e com uma tarefa específica. Além disso, um repórter pode ser um enviado especial em uma cidade do próprio país.

Para se propor a essa ocupação, consideramos que haja um "estado de mente" específico comum aos correspondentes internacionais, identificado subjetivamente por editores. Pretendemos estudá-los pelo ponto de vista da sua ocupação profissional e, assim, encontrar valores implícitos determinados pelo ofício, identificar padrões entre eles, constatar inclinações a mudanças do país de origem e entender como uma pessoa só responsabiliza-se pela cobertura de uma nova cidade. Era o caso, por exemplo, dos repórteres Rodrigo Alvarez, Lília Teles e Luiz Cláudio Azevedo, da Rede Globo, que, em 2010, foram ao Haiti cobrir a tragédia natural que devastou o país.

A tarefa não é mais simples que a de um correspondente internacional – os repórteres citados dormiam em barracas e Lília Teles conta que chegava a trabalhar até 20 horas por dia – mas, ainda assim, muito diferente, uma vez que o enviado especial tem sempre o olhar já focado no assunto que o levou àquele lugar e já tem pautas mais ou menos pré-estabelecidas, enquanto o correspondente deve focar em tudo.

Por meio dessa pesquisa, pretende-se, ainda, analisar, a importância do repórter correspondente continuar pensando como um nacional - ainda que more fora há muito tempo - e as estratégias usadas por eles para conservar o olhar estranho sob o país

reportado para perceber acontecimentos considerados pitorescos na visão de seu público.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Por dizer respeito em grande parte à rotina de profissionais do jornalismo internacional e às características intrínseca e adquiridas dos correspondentes, acredito que a melhor forma de recolher informações seja por meio do relato dessas pessoas que se dedicam a esse trabalho. A consulta às ideias sobre planejamento de pesquisa de Haguette (1987) e Triviños (1990) me levaram à conclusão de que os objetivos da minha pesquisa exigem, portanto, uma análise qualitativa das informações coletadas.

Para decidir como dialogar com os profissionais que interessam à pesquisa, foi o conceito de Fugisawa (2000) de entrevista estruturada que me ofereceu a melhor opção. Ela permite que se fuja do roteiro original, e assim, ocorre maior interação entre entrevistado e entrevistador. Dessa forma, a entrevista pode também ser ampliada e mais tópicos podem ser discutidos, à medida que informações são obtidas.

A escolha dos correspondentes internacionais a serem entrevistados não foi ao acaso. A ideia era contar com entrevistas de repórteres que trabalhassem atualmente como correspondentes em regiões e veículos de comunicação variados. A dificuldade prevista e que, de fato, ocorreu dizia respeito às limitações de tempo dos profissionais contactados. Por isso, entrei em contato com um razoável de correspondentes na crença de que “quanto mais, melhor”, afinal, nem todos me responderiam ou se disponibilizariam.

Dos quinze correspondentes com quem entrei em contato apenas quatro deles se disponibilizaram a conversar comigo: Samy Adghirni, correspondente da Folha de S. Paulo em Teerã; Ariel Palácios, de *O Estado de S. Paulo* e da *Globo news*, em Buenos Aires; e André Luiz Azevedo e Carlos de Lannoy, ambos da *Rede Globo*, em Lisboa, e Jerusalém, respectivamente.

Para organizar as informações coletadas, baseando-se em leituras sobre planejamento de pesquisa [Triviños (1987)] e análise de discurso [Bardin (1990)], foi preciso transformá-las em dados de análise, separando-as em categorias (relação deles com as agências de notícia, com os colegas do país e com a sede da empresa, definição de pauta e dificuldades gerais impostas pela função e por cada país) subdividindo-as e comparando as respostas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Jornalismo internacional

No Brasil, o jornalismo surge com duas publicações, o Correio Braziliense e a Gazeta do Rio de Janeiro. A Gazeta foi o primeiro jornal impresso aqui no Brasil, lançado em 10 de setembro de 1808, editado por Frei Tibúrcio José da Rocha. Ela saiu de circulação com a independência do Brasil. Seu público era a elite. A Gazeta era o veículo oficioso que dava voz à corte portuguesa.

Já o Correio foi lançado em 21 de abril de 1960, na inauguração de Brasília, por Assis Chateaubriand. Ainda hoje, trata-se do principal jornal da capital federal. Seu nome veio do antigo Correio Braziliense ou Armazém Literário, mensário publicado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça em Londres que circulou no Brasil entre 1808 e 1822.

Ambos jornais tinham os olhos voltados prioritariamente para os assuntos internacionais. Os leitores da Gazeta preocupavam-se com o curso da guerra na Europa, cujo desfecho determinaria quando e se poderiam voltar a Portugal. O Correio, por outro lado, tinha uma política editorial e objetivos diferentes. O modelo de trabalho desse jornal pretendia fazer com que acontecimentos externos servissem como exemplo e estimulassem eventos similares aqui no Brasil também.

O Correio partia dos acontecimentos europeus para desenhar paradigmas de relações entre Estado, sociedade e instituições que se pudessem aplicar ao projeto nacional de Brasil – constitucionalismo, parlamentarismo, liberalismo econômico, entre outros [] a derrubada do Segundo Império francês e sua subsequente Comuna de Paris são inspiradores para os republicanos da geração de 1870, particularmente os radicais apelidados de “jacobinos. (AGUIAR, Pedro 1998)

O Brasil não foi exceção, quando se pensa em todos os outros países. Embora ainda a ideia de que o jornalismo nasceu primeiramente voltado para a notícia local e só depois expandiu-se - graças a recursos tecnológicos advindos da Revolução Industrial - seja frequentemente defendida. Espinosa acredita que “o jornalismo internacional é um

fenômeno da atividade intelectual e econômica que data do segundo quartel do século XIX”, porque sua história estaria “ligada ao desenvolvimento da escrita, à imprensa, à indústria editorial, às tecnologias de comunicação e ao transporte” (ESPINOSA, 1998).

Contrariando Espinosa, Natali (2004) afirma que o próprio jornalismo já “nasceu internacional” [violando uma das primeiras lições que se aprende no primeiro ano de qualquer faculdade razoável de jornalismo, a de que o que acontece perto de minha casa é mais importante do que o que acontece a quilômetros e quilômetros de distância (ROSSI, 1980)] na medida em que os primeiros órgãos ditos jornalísticos da modernidade eram os *newsletters*, boletins noticiosos mercantis da burguesia neerlandesa em comércio com outras nações, no século XVII. Assim, das folhas noticiosas de distribuição interna entre os grupos mercantis surgiram os primeiros impressos com notícias para circulação pública, com ênfase nos fatos ocorridos no exterior, não nas notícias locais.

“Poderíamos supor que o jornalismo surgiu como atividade que fizesse circular informações de interesse local ou paroquial, já que o campo de interesse comum dos mortais, em comunidades compartimentadas, sofria os efeitos de uma infra-estrutura precária de comunicações. Pois suporíamos errado. O jornalismo nasceu, isto sim, sob a forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes.” (NATALI, 2004, p. 23)

Para o autor, o embrião do jornalismo internacional nasceu com a ascensão da burguesia nos séculos XVII e XVIII, com a necessidade dessa classe de obter notícias do estrangeiro para administrar os negócios domésticos.

O jornalismo impresso – e o jornalismo internacional, que nos primórdios do jornalismo era o único tipo de jornalismo conhecido – não nasceu com o capitalismo. O mercantilismo já precisava dele e foi por isso que o criou. Ocorreu, na época mercantil, o florescimento rápido dessas folhas de notícias impressas que eram vendidas a quem quisesse comprar e não mais circulavam dentro de um mesmo conglomerado comercial e financeiro.

3.2 Jornalismo de agências

De acordo com autores como Paterson (2006; 3), Boyd-Barrett & Rantanen (2002; 4) e Mattelart (1994; 28), a função primeira das agências de notícias é importar e exportar conteúdos e informações, especificamente internacionais para além das fronteiras. Sua gênese, no século XIX, está ligada à necessidade dos banqueiros e capitalistas de receber notícias sobre as outras metrópoles.

A história do jornalismo de agências é frequentemente contada, simplificada, como a história da primeira agência do mundo a Havas, que deu origem às atuais Reuters, Agence France Presse (AFP) e Deutsche Presse Agentur. Aqui, pretendo, em vez disso, contar o contexto político e econômico no qual essas agências foram criadas.

O período das chamadas "revoluções liberais" (1830 a 1848) gerou uma demanda constante por mercadoria, uma vez que se dava o fim do absolutismo, que praticava controle de imprensa, a burguesia se consolidava e o liberalismo econômico se expandia. Uma das mercadorias demandadas era, inclusive, a informação, daí a criação da Havas, entre 1832 e 1835, pelo banqueiro francês Charles-Louis Havas.

Nos Estados Unidos, em Nova Iorque, de acordo com Hakemulder (1998), no mesmo contexto de consolidação econômica, criava-se um modelo organizacional, o Newsboy (BLONDHEIM, 1994; 64), que seria o embrião das agências de notícia nos Estados Unidos. A necessidade de notícias internacionais fez com que cinco jornais se organizassem informalmente para que repórteres se alternassem para ir regularmente ao porto buscar notícias de navios que chegavam da Europa. O Newsboy acabou por formalizar-se juridicamente como Harbor News Association, embrião da americana Associated Press (AP).

O processo vivido aqui foi diferente, porque não havia demanda por fluxos sistemáticos de informação internacional conduzidos por vias próprias. O trabalho jornalístico de escrever para do Brasil para o mundo e do mundo para o Brasil ficou sempre nas mãos de repórteres estrangeiros, com padrões também estrangeiros e para públicos estrangeiros.

Embora a maioria das agências de notícias comercializem notícias internacionais, no Brasil, as agências de notícias acabaram tendo um cunho bem diferente do das europeias e americanas. Elas funcionam, na verdade, como

agenciadoras de notícias, uma vez que existem para revender o conteúdo produzido pelos veículos de suas holdings, não para produzir material exclusivo.

(...) as agências de notícias brasileiras falam do Brasil para o Brasil, e não do Brasil para fora nem do mundo para os brasileiros. Até mais especificamente, falam de um quadro reduzido da sociedade brasileira, concentrado no eixo Rio-São Paulo, para o restante do país, sem dar a mesma medida ao fluxo contrário. Reproduzem, em escala nacional, os desequilíbrios Norte-Sul outrora tão criticados em relação ao sistema global de informações das agências transnacionais" (AGUIAR, p. 2)

3.3 Auge da correspondência internacional no mundo

A década de 1930 foi considerada por diversos autores, como Carlos Eduardo Lins da Silva, como a grande fase do jornalismo internacional e também dos correspondentes. Jornais faturavam mais alto, a rádio já estava popularizada. Pouco depois, emergia, ainda, a televisão, que tornava as notícias muito mais dramáticas e pessoais. O público estava muito interessado nos grandes fatos históricos que estouravam pelo mundo. A bolsa de Nova Iorque acabara de quebrar e, nos Estados Unidos, o presidente Franklin Roosevelt dava início ao plano de recuperação econômica, o New Deal. Na Alemanha, Hitler tornava-se chefe de Estado e dava início aos seus planos de crescimento econômico alemão, em detrimento de vidas.

Além disso, esse período foi também muito próspero para a indústria cinematográfica americana, com filmes de Charles Chaplin e Walt Disney, por exemplo. É aí que começa a adoração pela mundo de celebridades internacionais e a curiosidade por suas vidas. Um bom exemplo é a atriz Greta Garbo, que ditou moda por todo o mundo graças a cobertura internacional. Garbo foi seguida por Ingrid Bergman, uma das divas da década de 40, que estrelou o filme Casablanca (1942) e, nas décadas seguintes: Brigitte Bardot, Ava Gardner, Marilyn Monroe, Elizabeth Taylor e Audrey Hepburn.

Acontecimentos históricos explodiam em todo lugar e o interesse pela vida dessas figuras era enorme. Portanto, o mundo estava rodeado do chamado valor-notícia,

elementos intrínsecos a um evento que tornem ele de interesse público e, portanto, demonstrem aptidão para que ele vire notícia. (TRAQUINA, 2002). É o valor-notícia que faz com que a informação seja comercializada, já que o que rege o capitalismo é a demanda e a oferta de produtos.

É exatamente a partir da indústria cinematográfica que Silva (2012) exemplifica a importância dos correspondentes internacionais e a difusão de uma imagem glamourosa e romântica deles nesse período.

Ele (o correspondente internacional) era vivido em filmes de sucesso por astros em situações quase sempre charmosas e atraentes (no aspecto pessoal) e decisivas e arriscadas (do ponto de vista político). Alguns correspondentes já haviam se tornado pessoas famosas antes de 1930, tantos nos países para onde escreviam quanto nos em que atuavam. (SILVA, 2011, p. 11)

3.4 No Brasil

O Brasil, portanto, não acompanhou o auge da correspondência internacional na década de 30, uma vez que a indústria cultural (principalmente jornalística) ainda era incipiente. Em se tratando de rádio, só em 1936 foi criada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com pretensão de ser a maior emissora daqui. Em sua inauguração, contava com renomados profissionais do campo das artes cênicas, musicais e também do jornalismo, uma vez que a programação estava alicerçada nesse tripé, somado a alguns programas de variedades.

"Na década de 1930, as inovações tecnológicas, somadas à nova legislação, fizeram surgir mais emissoras de rádio com finalidades comerciais. Buscando atrair um público maior, elas apresentavam programas mais populares, com um ritmo dinâmico, prendendo melhor a atenção do ouvinte." (Calabre, 2002: P.23)

Nos jornais impressos brasileiros, na década de 50, ainda 90% do noticiário internacional publicado correspondia a material de agências de notícia. Aqui, os melhores momentos foram com a consolidação da indústria de comunicação, entre a década de 60 e 90, quando essa porcentagem começou a diminuir. Só nos anos 50 é que

chega a TV. A época, no entanto, foi denominada por Sérgio Mattos, numa abordagem socio-econômico cultural, de "fase elitista", uma vez que eram poucos os aparelhos no Brasil, presentes apenas no eixo Rio-São Paulo, e que ele manteve-se caro ainda até a década de 60, e, só então, popularizou-se de verdade.

Pesquisa realizada em 1970 analisou o noticiário internacional de *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal do Brasil* durante uma semana.

O Estado teve 55,8% da editoria preenchida com material das chamadas “grandes agências” – Agence France Press (AFP), United Press International (UPI), Associated Press (AP), Reuters, a italiana ANSA, a alemã DPA e a espanhola EFE. Reproduções de jornais estrangeiros, como *The New York Times* e *Washington Star*, somavam 9,4%; 4,8% de outras fontes externas e apenas 30% dos textos publicados era de seus correspondentes internacionais. No JB, 42,5% da editoria era ocupada com reportagens e entrevistas dos correspondentes, enquanto os mais de 50% restantes eram alimentados com despachos de agências (CASTRO, 2006, p. 53).

A década dessa pesquisa foi o auge do jornalismo internacional no Brasil, com jornais com volume muito grande de notícias do estrangeiro. "Em meio à ditadura militar, quando pouco se podia noticiar sobre o que acontecia no país, as informações de outras regiões ganhavam ainda mais destaque. (AGNEZ, 2012, p. 85)". As notícias, no entanto vinham de repórteres estrangeiros, que garantiam o envio das matérias com uma perspectiva voltada às questões brasileiras, mas não com um olhar nacional (PUFF, 2005).

A censura estatal na imprensa brasileira teve grandes consequências no noticiário internacional, não apenas pelas pautas proibidas nessa editoria, como também pelas proibidas em todas as outras e que a utilizaram como válvula de escape. Além da limitação para noticiar assuntos domésticos impulsionarem a cobertura internacional, essa cobertura era feita de forma diferente.

"O Jornalismo Internacional brasileiro serviu durante longo tempo para contornar a censura ou metaforizar os problemas nacionais, tradição herdada desde as “Cartas Chilenas” de Tomás Antônio Gonzaga. Por sinal, trágica

coincidência histórica foi o uso do mesmo artifício no já conhecido caso da primeira página sem manchete do *Jornal do Brasil* do dia 12/9/1973, que noticiava o golpe militar da véspera no próprio Chile"(AGUIAR)

Para a correspondência internacional, o período foi também muito importante: "Há cerca de 25 anos *O Estado de S. Paulo* possuía dez correspondentes permanentes. A *Folha de S. Paulo*, sete, enquanto o *Jornal do Brasil* e *O Globo* andavam com equipes em número equivalente" (Natali, 2005, p. 56). Grandes jornalistas ficaram ainda mais famosos nessa época, como Paulo Francis, Cláudio Abramo e Reali Júnior.

Na década de 90, algumas das circunstâncias econômicas, materiais e tecnológicas que levaram ao declínio paulatino da correspondência internacional nos países centrais do capitalismo já influíam sobre as práticas da indústria em todo o mundo, inclusive aqui.

"Na década de 90, entretanto, a crise financeira dos grupos de comunicação brasileiros resultou numa redução de despesas - e manter profissionais expatriados deixou de ser uma prioridade. Além disso, o período corresponde ao de ascensão das tecnologias de comunicação, que, em certa medida, permitem ter acesso aqui mesmo das redações, com rapidez, às notícias de diferentes partes do mundo" (AGNEZ, 2012, p. 7)

4. Aprofundamento do tema

4.1 Correspondência internacional no Brasil de hoje

Hoje, Antônio Brasil ironiza sobre o desinteresse do brasileiro por notícias internacionais "Não se fazem mais guerras frias e ameaças de holocausto nuclear como antigamente". Brasil não culpa apenas o mundo, mas também o público. Ousa-se também culpar as empresas de jornalismo brasileiras. A dependência da maior parte da mídia brasileira de agências de notícias com informações padronizadas a qualquer país e repórteres que gastam horas destrinchando imagens enviadas por agências para escrever um texto também sustentado pelo que elas enviaram e não pelo trabalho em campo, envolvimento com fontes e entendimento profundo do tema torna tudo mais monótono. "Se há trinta anos, empresas mantiveram sucursais em capitais como Paris e Londres, hoje, o número de profissionais atuando em pequenos escritórios foi bastante reduzido" (CASTRO, 2006, p. 15).

Outro aspecto é a localização da produção do noticiário internacional, também determinada por fatores econômicos da mídia. A concentração desse noticiário, portanto, encontra-se no eixo Rio-São Paulo, uma vez que jornais de pequeno e médio porte não têm como sustentar uma estrutura de correspondentes expatriados e acabam por reproduzir conteúdos de agências (nacionais e transnacionais) e de outros jornais maiores.

Poucos são os jornais do interior (ou mesmo de capitais estaduais) que mantêm editorias de Internacional, submetendo em geral suas pautas à seção de Política ou Geral e dedicando à Inter espaços "sob demanda" para notícias esporádicas e grandes eventos. (AGUIAR, Pedro. aluno do Mestrado em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ)

Segundo levantamento feito por Agnez (2013, pp. 84 e 85), os jornais impressos, hoje, são responsáveis por 44% dos correspondentes brasileiros no exterior, contra os 47% enviados por emissoras de televisão, as quais, nos últimos seis anos, têm feito um esforço maior no sentido de enviar repórteres para fora. A TV Globo, em 2009, colocou correspondentes no Japão, na África do Sul e Portugal, estimulada pela

concorrência da TV Record, que já possuía profissionais nesses locais e que se tornou a maior concorrente desta que é a maior emissora do país.

Ainda, de acordo com esse mesmo levantamento, mais de 20% desses correspondentes estão localizados no Estados Unidos. França, Inglaterra e Argentina, têm, cada um, entre 5% e 10% desses repórteres expatriados brasileiros, seguidos por Itália, Israel, China, Japão, países da Europa, Venezuela, Honduras e África do Sul, com menos de 5% desse correspondentes cada.

Em números exatos, Agnez conclui que a *Folha de S. Paulo* conta com 11 colaboradores, distribuídos entre EUA, Inglaterra, Alemanha, Espanha, China, Venezuela, Argentina, Israel e Irã; O Globo, com 10, entre fixos e colaboradores, abrangendo Japão, Inglaterra, França, EUA, Alemanha, Argentina, Espanha, Israel e China; e O Estado de S. Paulo, com 10, na França, Suíça, Argentina, China, Inglaterra e nos EUA.

4. 2 A formação do correspondente

A editoria de internacional precisa de correspondentes internacionais preparados, o que envolve diversas habilidades, para lidar com as adversidades que a ocupação impõe. O idioma é só uma delas. A fluência na língua do país em que se situa é de suma importância. As competências necessárias em relação à língua são muitas. Além de saber conversar formal e informalmente sobre assuntos variados - alguns bem técnicos e complexos - a capacidade de fazer traduções, estando sempre alerta a falsos amigos - palavras semelhantes em duas línguas, mas com significados diferentes, a exemplo de *pretend* e *pretender* em inglês e português, respectivamente (VAZ da SILVA, 2003) - e também a expressões idiomáticas que podem ou não fazer sentido em sua língua materna.

Britto enfatiza a importância da fluência na língua estrangeira em seu trabalho por meio do relato de Patrícia Poeta, que já foi correspondente internacional da Rede Globo em Nova Iorque no período entre 2002 e 2007 e hoje é apresentadora editora-executiva do Jornal Nacional:

Fazer uma entrevista ou cobrir um importante pronunciamento em outra língua exige muito do repórter. Falar inglês, por exemplo, em viagens de férias ou em bate-papos com amigos é uma coisa. Traduzir o discurso do presidente ou entrevistar o Secretário de Defesa é bem diferente. (POETA, 2003: p.1-2; apud. CASTRO, 2006, p. 27).

O repórter que trabalha em seu próprio país, normalmente, é especializado em uma editoria - política, economia, cultura.

"Cada vez mais os jornais buscaram conseguir notícias. O papel do repórter tornou-se cada vez mais complexo e especializado à medida que os jornais incorporaram correspondentes estrangeiros e colhedores de notícias especializadas de vários tipos."(DEFLEUR, 1993, p. 7)

O correspondente internacional, pelo contrário, responsabiliza-se pela cobertura de uma gama de assuntos bem variados. Se especializar-se em economia ou em política é complicado, como, então, especializa-se em jornalismo internacional, em geral, uma vez que isso implica cobrir pautas diversas e nem sempre no mesmo país, uma vez que a proximidade entre países na Europa, por exemplo, facilitam a locomoção de um país para outro em caso de algo muito importante. Por isso, repórteres tornam-se correspondentes internacionais depois de décadas de carreira.

É por esse motivo que se divide as opiniões a respeito de jornalismo e correspondência internacional ser uma especialização. "Por essa abrangência toda é que o correspondente deve ser especializado em tudo, saber lidar com vários tipos de matérias" (BRITTO, 2004, p. 3). O repórter Reale Jr., correspondente de *O Estado de S. Paulo*, define a função como "um repórter de geral numa cidade que não é a dele".

O repertório cultural do correspondente internacional deve ser tão amplo quanto se é possível. Conhecimento de história, geografia, geopolítica e da própria sociedade são indispensáveis para boas coberturas. Isso tudo e a convivência cotidiana com quem vive no local. Impõe-se aí um desafio muito bem explicitado por Clóvis Rossi: "Se já é difícil e complicado entender o Brasil, mais difícil e complicado é entender outros países". Alguns arriscam dizer que quanto mais tempo no país, mais se aprende sobre ele. Pode ser verdade, o que, no entanto, pode não melhorar a cobertura que se faz.

A importância de entender bem a sociedade em que vive fica clara no exemplo dado por Carlos Eduardo Lins da Silva, a respeito do escândalo envolvendo o então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton e uma de suas estagiárias, Monica Lewinski. De acordo com Silva, muitos jornalistas brasileiros supuseram que a situação não teria grandes consequências. A função do correspondente era explicar ao brasileiro, para quem a situação não parecia tão grave, a verdadeira proporção do acontecimento.

Mas quem conhecesse mais a fundo a maneira de pensar do americano médio, o que um estrangeiro só consegue se tem a oportunidade de conviver com os cidadãos comuns dos EUA em reuniões de pais e mestres da escola dos filhos, em igrejas ou em encontros de vizinhos, saberia que a possibilidade de impeachment era concreta (SILVA, 2011, p. 58)

De acordo com Fritz Utzeri, leva-se cerca de 3 anos para que se comece a entender bem um país e noticiá-lo da forma ideal. Chegar em um novo país é como ser foca de novo.

O primeiro ano é um ano de construção, não se sabe de nada. No segundo, já se começa a ficar à vontade, e o terceiro é o ano em que, efetivamente, a pessoa já é conhecida, já tem um alentado caderninho de endereços. (UTZERI, 1989, p. 2)

4.3 Correspondência: etnografia jornalística?

Antropólogos e correspondentes têm em comum o fato de trabalharem em uma zona de contato transnacional, engajados em reportar, representar, traduzir e interpretar, atribuindo significados entre distâncias e culturas. Na obra *Argonautas do Pacífico* (1922), Malinowski faz a etnografia dos habitantes das ilhas Trobriand. O trabalho de campo consistiu em conviver seis anos com esse povo.

Dessa forma, as duas profissões assemelham-se em muito, uma vez que o ambos estudam a realidade de um povo estranho e reportam, sob sua própria perspectiva, ao seu público, composto de pessoas com as quais divide uma mesma cultura. Correspondente e antropólogo trabalham a mediação dos elementos da estranheza e da diferença, trazendo a perspectiva da sociedade em que vive aplicando a uma sociedade diferente, onde se situa, e, então reportando a audiência.

Correspondentes internacionais são um tipo de antropólogo ou antropólogos são um tipo de correspondente internacional, na medida que ambos empenham-se para reportar sobre uma parte do mundo para outra. (HANNERZ, 2004, p. 123)

Antropólogos, no entanto, tradicionalmente estudam povos marginais, menos poderosos e prósperos que eles mesmos, como tribos de indígenas, por exemplo. É o chamado *studying down* (Laura Nader, 1972). No entanto, desde o século XX, com a Escola de Chicago, antropólogos direcionam suas pesquisas também para o centro urbanos e grupos de sua própria sociedade, com quem dividem valores, sinais e significados. Começa, então, o *studying up* (Laura Nader, 1972).

Um dos principais expoentes dessa nova forma de fazer antropologia, não voltada apenas para indígenas e grupos distintos e distantes do pesquisado foi Robert Park (1990), sociólogo que, antes de entrar na área acadêmica, trabalhava como jornalista, o que pode ter influenciado nessa mudança na antropologia, que tornou a função de correspondentes e antropólogos mais semelhantes, alguns em maior ou menor grau, dependendo das semelhanças entre sua cultura e a da região que cobrem.

Malinowski enfatiza em seu livro que a convivência íntima e por longos períodos e o mergulho na cultura do outro é a única forma de o antropólogo conhecer profundamente uma cultura específica e entender o significado de suas lógicas, muitas vezes particulares. Correspondentes internacionais e teóricos que arriscaram abordar a profissão teórica e academicamente concordam que na correspondência internacional também o tempo de trabalho num determinado país trará qualidade ao trabalho.

4.5 Olhar nacional sob o outro

O correspondente, como o antropólogo, necessita de algum tempo para entender aquela nova sociedade com a qual vai lidar em seu trabalho. A etnografia depende disso tanto quanto a cobertura jornalística. Mas o trabalho de ambos, no entanto, devem ser baseados em suas perspectivas nacionais sob a cultura estrangeira sobre a qual reporta. Diversos antropólogos escreveram a respeito do olhar de estranhamento e exterioridade por parte do pesquisado em relação ao seu objeto (DaMatta, Geertz). Essa seria uma atitude necessária e até natural, provinda da presença de sua própria cultura e de sua origem, que não devem ser descartadas devido ao contato com uma nova cultura.

Muitos veículos midiáticos, no entanto, têm a política de fazer rodízios entre os correspondentes para evitar que eles percam esse olhar de alteridade sobre aquela sociedade, em decorrência do contato exagerado e contínuo com ela. Fritz Utzeri concorda com os rodízios, mas critica a frequência com que eles são feitos. Por experiência própria, ele afirma que só no terceiro ano situado em um país é que o correspondente passa a ter um bloco de endereços e fontes e passa a ser conhecido e, infelizmente, é nesse período também que ele costuma ser transferido. "O prazo adequado para um correspondente ficar no exterior está em torno de quatro a cinco anos. Depois ele deveria voltar" (UTZERI, 1989, p. 2)

Um correspondente muito tempo em um país pode deixar de pensar como seus leitores e pensar como suas fontes, o que pode ser fatal para um bom trabalho (SILVA, 2011, p. 73). É importante que o correspondente, além de informado sobre o que acontece em seu país, lembre-se da forma de pensar de seus conterrâneos, para conseguir traduzir a eles uma realidade estranha.

Ele (o correspondente) tem que traduzir a realidade do país em que está e fazer o máximo possível de comparações que permitam às pessoas identificar o que está acontecendo com os referenciais que estão acostumadas a usar aqui em casa. O correspondente não pode, de maneira alguma, perder o contato com o seu país. Não é possível, por exemplo, não saber quem é Fernando Collor de Melo, ou Leonel Brizola, ou a Xuxa. (UTZERI, 1989, p. 3)

As comparações são uma forma de trazer mais para perto o que é alheio. Se acontece um escândalo envolvendo um jogador de futebol americano nos Estados Unidos, por exemplo, é provável que o brasileiro médio não o conheça. Compará-lo com algum jogador brasileiro tão famoso quanto, mas de futebol, esporte popular no Brasil, pode ser uma boa saída para que o brasileiro entenda a proporção do caso.

5. Diálogo com os correspondentes

5.1 O que o correspondente tem?

Questionados sobre como é ser um correspondente novo em um país, os quatro concordaram com a frase de Fritz (1989), que diz que é como ser foca novamente. Normalmente, ao ser transferido, substitui-se algum outro repórter que estava no local. André Luiz Azevedo, por exemplo, substituiu Pedro Bassan em Lisboa. Portanto, apesar de ter se sentido como foca, ele teve um antecessor para dar dicas. O caso de Carlos de Lannoy, em Jerusalém, é o mesmo. Ao chegar, ele teve um tempo de adaptação junto ao repórter que antes cobria o país.

Ainda assim, não é simples: "A gente começa do zero, porque, apesar de uma lista de contatos que a gente recebe normalmente, dos amigos ou do correspondente anterior, você tá realmente começando a conhecer quem são as pessoas que dão informação, qual o caminho das pedras pra conseguir produzir uma pauta, quais são os problema culturais, entraves que podem surgir se você não falar a língua ou não conhecer a história local", explica Lannoy.

Ariel Palácios, por outro lado, chegou completamente sozinho, como free lancer e brinca: "Eu não era nem foca, mas uma morsa. Eu cheguei sem nada, com a mera hierarquia de freela, sem veterano que me explicasse nada", conta.

Não é simples identificar quais são as características específicas de um repórter para ser um bom correspondente. Cabe ao editor observar o potencial de sua equipe e ao jornalista inspirar confiança ao editor. Dentro do jornal, trata-se do reconhecimento de um bom trabalho.

Para os que possuem experiência, conhecimento, instrução, habilidade e a sorte de sobreviver aos rigorosos testes do jornalismo prático, o privilégio de cobrir os acontecimentos nacionais e internacionais do nosso tempo é o maior prêmio que lhes pode conferir a profissão. (HOHENBERG, John; 1981, p. 76)

Experiência e capacidade de lidar com assuntos diversos conta muito. Foi o que aconteceu com André Luiz Azevedo, hoje correspondente em Portugal já tinha 40 anos de reportagem, 30 deles só na Rede Globo. Em 2012, foi convidado por ela a mudar sua

base do Rio de Janeiro para Lisboa. O convite, para Azevedo seria um desafio novo, embora acredite que, apesar do nome diferente de sua atual posição, ela não difere do repórter tradicional: "A ideia é usar minha experiência, o conhecimento de reportagem que adquiri no Brasil, para continuar sendo repórter de um estilo diferente aqui".

Como aconteceu com Azevedo, cuja experiência profissional permita que trabalhe com assuntos diversos como BRITTO (2004) afirma ser necessário, nem sempre é a pretensão do repórter tornar-se correspondente, mas um caminho natural da carreira, embora não obrigatoriamente um repórter passará pela experiência, ainda que muito bem reconhecido na empresa para a qual trabalha.

Tão relevante quanto a capacidade de cobrir temas diversos é possuir um vasto repertório cultural, incluindo noções históricas e geopolíticas, referente a todo o mundo e, principalmente, ao país para o qual se é transferido. O conhecimento, no caso, pode vir de diferentes lugares, seja herdada da família ou da leitura constante a respeito.

Um correspondente com conhecimentos sobre aspectos estratégicos de um país pode apurar fatos com mais precisão, pode recorrer a fontes importantes que um apurador, profissional responsável pela apuração, não tendo essas informações, deixe passar ou considere irrelevantes. (BRITTO, 2004, p. 8)

Nascido no Uruguai, a fluência no idioma hispânico e o conhecimento da cultura rio-platense foram cruciais para que a primeira oportunidade como correspondente, na Argentina, aparecesse para Carlos de Lannoy, 19 anos mais novo que Azevedo e já também correspondente da Rede Globo. Foi resultado da combinação entre experiência, conhecimento da língua e da cultura rio-platense e ainda das muitas viagens feitas em família, já que seu pai trabalhava para a Organização das Nações Unidas.

Atualmente, Lannoy está baseado em Jerusalém e cobre o Oriente Médio. A oportunidade seguinte foi consequência de seu desempenho na cobertura da Argentina. O repórter afirma que sempre achou interessante a ideia de ser correspondente, mas considerava um convite muito improvável de receber tão cedo: "Quando se trabalha em TV, as coisas parecem que nunca vão acontecer de verdade pra você", ele comenta, por se tratar de um ambiente de trabalho muito cheio de glamour em torno dos repórteres e, mais ainda, dos correspondentes internacionais.

"A gente aprende na marra, a golpe, errando, acertando, como qualquer repórter em uma situação nova. Os temas que dominam a agenda da América Latina são diferentes daqueles de Brasília, então, a gente tem que estudar, ler, conhecer, ficar a par do que acontece. Mas não tem grandes segredos", conta Lannoy como é o início do desafio. Espinosa (1998) corrobora: "As diferenças nas técnicas de um repórter e de um correspondente são quase imperceptíveis". O contraste entre as funções está no fato de que, no caso do correspondente, a notícia é gerada e entregue ao leitor (ou audiência) em contextos específicos, com causas e conseqüências.

Samy Adghirni, correspondente da *Folha de S. Paulo*, em Teerã, como Lannoy, tem origens estrangeiras. Adghirni nasceu na França, filho de mãe brasileira, a jornalista Zélia Leal Adghirni, e pai marroquino. Com o conhecimento de três línguas e vivendo dentro de casa esse multiculturalismo, Samy considera: "Circulando entre três países, três continentes e duas religiões, atuar na área internacional me parece um destino natural da minha trajetória de vida".

Adghirni conta que teve a carreira favorecida também pelo ataque de 11 de setembro, pouco depois do qual ele voltou da França para o Brasil. "Coincidiu com a minha formatura e abriu uma brecha no sentido de que era geral a falta de conhecimento sobre o mundo árabe, o mundo muçulmano, sobre essas questões identitárias, ideológicas, culturais e religiosas profundas, que saltaram aos olhos com esse atentado. Percebeu-se que havia poucos jornalistas que eram capazes de entender essas questões e até de se interessar por elas", relata.

O berço estrangeiro se repete em se tratando de Ariel Palácios. Nascido na Argentina e criado em São Paulo, morou em várias cidades brasileiras, como Juiz de Fora, Londrina e Curitiba, e fez um curso acompanhado de muita atividade prática no jornal *El País* em Madri. Sempre se interessou por política internacional: "Eu leio muito sobre história e política internacional desde os meu 12 anos. Nos jornais, eu sempre lia a parte de política internacional até mais do que a nacional. Ser correspondente era uma ideia, mas não havia um plano", ele explica.

Sem nunca ter trabalhado como repórter no eixo Rio-São Paulo e tendo quase abandonado o jornalismo para se dedicar à área acadêmica, resolveu, em uma viagem a Buenos Aires, que se ofereceria a jornais e revistas para ser correspondente na cidade: "Liguei na *Veja*, na *Folha*, no *Correio Braziliense* e no *Estadão* e lá me falaram: 'Olha, não temos ninguém no momento lá. Se você for por conta própria, a gente vê. Chega lá, se instala e liga pra gente'. Tudo muito aberto, sem nenhuma promessa, nem nada.

Cheguei, me instalei por conta própria, liguei pra eles, comecei a mandar freelas, bem pouquinhos", conta o aventureiro que não recomenda a ninguém seguir os mesmos passos.

Um ano depois a *CBN*, pra qual trabalhou durante um ano e meio se interessou pelo trabalho dele. Depois apareceu a oportunidade na *Globo news*, a qual aceitou desde o princípio. As origens desses repórteres, o interesse por assuntos internacionais, as oportunidades de visitar países e a experiência profissional foram fatores que deram toda uma base, sem a qual talvez nunca trabalhassem na área internacional.

As carreiras desses quatro jornalistas têm suas particularidades e também coisas em comum. Três deles têm origens estrangeira, outro carrega uma bagagem de 40 anos, e os quatro carregam com si os traços de personalidade e, principalmente, de formação intelectual, vinda de várias fontes diferentes, explicitadas por Silva (2011).

Ele ou ela precisa dominar perfeitamente pelo menos outra língua além da materna, por exemplo. E tem de compreender a fundo o sistema político, econômico, social e cultural tanto da nação que o hospeda quanto da sua. Diferentemente do que ocorre na sede do seu veículo, onde, em geral, o jornalista se especializa numa só área e a ela se atém por algum tempo, o correspondente internacional quase sempre trabalha sozinho e tem de fazer e saber de tudo. (SILVA, 2011, p. 12)

Até em Portugal, onde a barreira do idioma aparentemente não seria um problema, Luiz Azevedo exemplifica, em tom de brincadeira, com duas palavras que não é bem assim: "Eu fui cobrir um curso de 'restauração'. Imaginei o quanto aquilo era importante para uma cidade antiga, restaurar patrimônios e tudo. Mas não! Tratava-se do setor de restaurantes. Outro dia, reclamava-se também do governo, que é muito austero'. Pensei 'Como eles podem reclamar? É tudo que o Brasil precisa'. Aqui, seria óbvio que não existiria dificuldade com a língua, mas existem armadilhas, expressões com conotações diferentes aqui e aí, palavras diferentes. E, fora a língua, é necessário se precaver em relação à postura do português de se expressar que no Brasil pode ter uma conotação diferente da daqui".

5.3 *Hard news* x matérias de interesse humano

A maioria dos correspondentes internacionais pretende reportar mais do que o factual. Não quer se limitar a dizer como estão a economia e a política do país onde está e relatar os acontecimentos dali. Eles querem ir além da *hard news*, e mostrar as peculiaridades das pessoas de lá e como vivem. São pessoas que vêem o que Gans (1978) diz: “os valores na notícia estão raramente explícitos e têm que ser encontrados nas entrelinhas” e que procuram produzir também matérias de interesse humano, que “consistem, em um amplo sentido, no ‘reflexo do modo de ser do homem’, na presença dos instintos e paixões humanas – (...) o que do homem interessa ao homem” (CALDERON, 1970, p. 38).

Hedrick Smith, correspondente do *New York Times* em Moscou entre 1971 e 1974, escreveu na introdução de “The Russians” que seu propósito não era falar das tramas da política ou da economia soviética, mas das pessoas que participam individual e coletivamente das estruturas do sistema. Nas palavras de Alan Riding, os testemunhos sobre nações devem explicar ao leitor como funciona o país observado, quais são os valores essenciais que formam seu sistema. (ESPINOSA, 1998)

André Luiz Azevedo pretende o mesmo que Hendrick Smith: "Como correspondente, a gente pensa na macroeconomia, macropolítica e esquece um pouco essa cobertura mais rotineira do dia-a-dia da comunidade. Tenho esse interesse e preocupação em tentar acompanhar a vida dela, conquistas, vitória, aflições". Eles têm essa consideração e é algo que as empresas também esperam deles, que levem pautas que só poderiam ser sugeridas por alguém que está *in loco*. "Nós temos também que contar como é a vida aqui, histórias que não sejam só o *hard news*. Minha próxima pauta é sobre mulheres no Exército. Uma pauta que eu mesmo, lendo e conversando com as pessoas por aqui, levantei. Achei interessante e eles aceitaram", conta Lannoy.

Essa intenção já havia sido percebida por Hohenberg (1991):

A maioria dos correspondentes internacionais acredita que sua primeira obrigação é contar a história do povo do país onde trabalham, e não somente os atos oficiais do governo e os comunicados de seu Ministério à imprensa. O trabalho é difícil e exigente, requer longas, e algumas vezes irregulares horas de trabalho durante o dia e a noite, e pode perturbar a vida em família. Não admira que o índice de divórcio entre os correspondentes internacionais seja elevado. (HOHENBERG, 1991)

A maneira como esses correspondentes encaram seus trabalhos confere mais variedade e ineditismo ao jornal - uma vez que o factual, provavelmente, será coberto por todos - e impede a crítica de que todos os jornais são iguais.

Outra crítica causada pela opção mais simples, de recorrer a estereótipos e se limitar a assuntos tidos como típicos do país que se cobre em vez de observação e contar histórias reais é a de Charleaux (2001) à cobertura do Brasil feita por correspondentes estrangeiro:

Há ainda muitos que se dispõem a cobrir o Brasil apostando na fórmula folclórica da “desgraça social/futebol/carnaval”, ou nas notícias econômicas de interesse para o investidor estrangeiro. Mas, em ambos os casos, falta espaço para histórias humanas e situações nem sempre decifráveis à primeira vista forasteira. Assuntos que não abalam cúpulas de governo nem derrubam bolsas de valores, mas são fundamentais na vida de milhões de pessoas. São histórias que precisam ser vistas de perto, com vagar e atenção; adjetivos nem sempre compatíveis com o ritmo de trabalho das grandes redações ao redor do mundo. (CHARLEAUX, 2001)

5.3 Liberdade e responsabilidade

A longa distância entre chefe e sede e correspondentes dá a eles uma liberdade muito grande em relação a horário e também a pautas. Trata-se, no entanto, de uma liberdade cheia de obrigações. O que acontece depois que um repórter que trabalha na sede vai para casa é problema de quem ficou na redação. O correspondente, no entanto,

é sozinho. Ele é responsável por tudo o tempo todo. "É como estar sempre de plantão", explica Samy Adghirni. Quanto a pautas, ele conta: "Eu tenho autonomia aqui pra tocar minhas pautas, pra dizer o que vale, o que não é. O jornal confia muito nas minhas decisões, nas minhas avaliações".

Ariel Palácios calcula que cerca de 85% das pautas que faz são sugeridas por conta própria: "Toda manhã, eu mando uma espécie de roteiro pro jornal dizendo o que está acontecendo e quais matérias vou mandar com quantos caracteres. Até porque se não sair no jornal de papel, sai *online* ou pela Agência Estado".

Outras dificuldade de estar sozinho cobrindo todo o país é levantada por André Luiz Azevedo: "Você tem autonomia pra decidir, mas nem sempre você tem com quem trocar ideia sobre a importância de uma notícia ou de outra". Sobre isso, fala também Fritz Utzeri:

Um problema é saber que matérias. Pode ser que um assunto, muito interessante para o correspondente ou para o leitor francês, não interesse ao público brasileiro. Essa sensibilidade tem que estar sempre presente. Descobrir um bom assunto, escrever de uma maneira atraente é importante, porque a maioria dos leitores do jornal não lê a seção internacional. É importante que o correspondente tenha um certo estilo, que descubra um gancho, algo que nem é necessariamente uma notícia importante. O essencial é transmitir para as pessoas que estão lendo como é o país onde o correspondente está baseado. (UTZERI, 1989)

No jornalismo e na correspondência internacional, quando não há grandes assuntos, como uma crise política ou uma guerra, o ideal é sair às ruas com o olhar atento e de perto. Daí, mais uma vantagem de o repórter estar no país que vai cobrir. Repórteres na editoria de mundo em seus próprios países acabam por se limitar ao factual coberto por agências de notícias e a passar horas na internet e no telefone.

5.4 Estranhamento

Como já disse Espinosa, no caso dos correspondentes, a notícia é gerada e entregue ao leitor em contextos bem diferentes. O papel dele é passar aquilo que acontece em uma sociedade, com características específicas, para outra, com cultura completamente diferente. Para que essa mediação seja feita de forma eficiente, atraindo a atenção do público e, ao mesmo tempo, sendo fiel aos fatos, é necessário que o repórter conheça muito bem os dois contextos envolvidos.

É difícil garantir que as duas coisas aconteçam e, além disso, muitos vêm dicotomia entre ficar em um país muito tempo e conhecê-lo melhor, por um lado, e, por outro, ficar muito tempo e perder a identificação com o público. O tempo oferece a oportunidade de aumentar a bagagem intelectual sobre o país para que ele seja reportado da forma mais clara e correta, mas também permite que se perca certas referências da cultura do próprio repórter, o que pode ser um ruído na comunicação com o leitor.

Francis França não chega a ser uma correspondente internacional. Ela reporta para o público brasileiro, mas por meio de uma empresa de comunicação alemão, a *Deutsche Welle*. Para ela, essa comunicação repórter, público, e sociedade reportada é complicada. "Quando se está há muito tempo no exterior, corre-se o risco de perder o vínculo com seu público e já não enxerga mais características pitorescas do lugar em que vive", diz ela em entrevista em dezembro de 2012 via *e-mail*.

Já para Lannoy, esse é um tema com o qual só os repórteres mais antigos se preocupavam. "Eu acho que a internet tá diluindo essa questão. Eu leio jornais brasileiros sempre, eu procuro assistir à TV pela internet, converso com os amigos, tenho *Facebook*, *Twitter*. Eu acompanho mais o que acontece no Brasil do que aqui em Israel, então, meu mundo continua sendo o Brasil, mas tô aqui, posso pegar meu carro e ir em Tel Aviv, mas tenho contato permanente no Brasil."

Ariel Palácios considera a possibilidade de se perder o gancho com o leitor brasileiro apenas em casos em que o repórter trabalha, ao mesmo tempo, para um jornal local ou manda poucas matérias para o Brasil. "Mas quando se está carregado de trabalho e está ininterruptamente pensando em como explicar pro leitor brasileiro tal circunstância, tal fato da Argentina, não se tem nem sequer tempo pra correr o risco de pensar como um argentino". Para ele, é a conexão constante com o Brasil, indispensável para um correspondente brasileiro e possível graças à tecnologia impedem essa perda de foco.

Mauro Wolf explica a noticiabilidade (ou valor-notícia) não só como características intrínsecas ao fato, mas também pelo "complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirir a existência pública de notícia” (p.195). São esses requisitos mais complexo que poderiam perder o sentido para um repórter expatriado.

O editor tem um papel importante na mediação entre o correspondente e a audiência. Ele seria uma barreira para só deixar aquilo que interessa passar. No entanto, por vezes, a liberdade de decisões que dão aos correspondentes, por eles estarem *in loco* e por se supor que, por isso, entendem mais, pode ser um ruído nessa relação.

A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, director, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas freqüentemente operam se as pensar (CORREIA: 133)

Lannyoy, ainda, arrisca dizer que cobrir assuntos internacionais não difere tanto de cobrir qualquer assunto complexo no Brasil. "O segredo é sempre a simplicidade e a clareza". Ele é contra a noção de que se escreve para a D. Maria entender. "A gente fala pras pessoas, que têm perfis completamente diferentes, com níveis culturais diferentes. Entre elas, a D. Maria. E se a pessoa em casa não entende um assunto e quer aprender, você vai dar instrumentos pra ela. Ela também vai pesquisar. Você não tem necessariamente que entregar tudo mastigado, ao ponto de estragar sua história. Você tem que ser claro, mas não precisa deixar de dizer coisas que são relevantes e exijam uma certa iniciação, uma informação prévia pra entender a coisa". O editor, no caso, entra em cena para dialogar com o repórter e opinar sobre o que foi feito.

5.5 Agências de notícias: parceira ou concorrente?

As agências de notícias exercem um papel muito importante no trabalho dos correspondentes internacionais. Embora elas abocanhem boa parte do mercado de notícias internacionais e tenham grande vantagem na cobertura de assuntos gerais, uma

vez que possuem redações grandes e bem estruturadas, com um número grande de funcionários e com plantonistas, eles não a vêem como concorrentes. Pelo contrário.

Correspondente algum tem condições de competir com empresas tão bem estruturadas como a Reuters ou a France Presse. Eles não têm grandes equipes e trabalham dentro de casa, o que exige muita responsabilidade. Ariel Palácios conta de uma colega que ousou ter um escritório: "Às vezes, ela tinha problema porque, voltando para casa, acontecia algo importante e ela ficava sem saber se voltava para o escritório ou se resolvia em casa. Assim, ela precisava ter estrutura em casa também".

As agências, na realidade, são indispensáveis aos correspondentes, assim como toda a mídia local. Trata-se de mais uma fonte de informação: "Todo dia, eu leio jornais, acesso os sites palestinos, do Egito, BBC, Reuters, dou uma olhada na CNN, ligo a TV, tem Sky, tem várias fontes de informação. Rapidamente, você sente se teve alguma coisa muito quente", conta Lannoy. Percebe-se, aí, a despretensão em ser o primeiro a dar a notícia, diferentemente do repórter na redação brasileira, em que dar o furo antes de todos importa muito.

"As agências de notícias são, na verdade, minhas parceiras. Eu não tenho a menor condição de ter uma estrutura que possa competir com elas. O que eu tenho que ter é uma visão que complemente as informações dela. Ela sempre vai ser a primeira e outros jornais também. A partir deles, eu tenho que procurar o enfoque que me interessa, o que interessa ao meu público", explica André Luiz Azevedo.

A padronização é a crítica feita em relação às agências e a brecha dos correspondentes. Ariel Palácios exemplifica: "Um fato que acontece em Buenos Aires divulgado por uma agência americana, por exemplo, é divulgado da mesma forma pro resto do planeta. Não fazem um texto diferenciado pro público brasileiro, pro público do Estadão. Eles fazem um texto pra ser lido em Pequim e em Nova Iorque. O correspondente dá a notícia explicando para o leitor brasileiro, com as nuances que lhe interessa".

6. CONCLUSÃO

Nota-se, por meio desse trabalho, que o trabalho do correspondente internacional é cercado por desafios diversos de âmbito pessoal e profissional. No que diz respeito aos problemas pessoais, mudar-se de país é muito mais complicado do que parece. André Luiz Azevedo exemplificou alguns dos pontos a se considerar.

"Tem a questão da adaptação pessoal, de resolver toda a burocracia, muito grande aqui em Portugal, trabalhadeira com documentação, tirar registro na junta do bairro, etc. Isso tudo, você só descobre que é simples depois que acerta. Aí, tem a parte familiar, resolver se a família vem, se não vem, se fecha a casa no Brasil, etc. É complicado." (André Luiz Azevedo)

Samy Adghirni admite também que estar fora é um certo esforço, mas que traz vantagens.

E eu acho que trabalho com muito mais serenidade aqui, apesar das dificuldades materiais, políticas, emocionais - não é fácil estar no Irã, um país difícil, sem parente, sem namorada, sem um ciclo de amizades mais antigas - então, tem essa parte difícil. Mas tem a parte boa: não ter as incomodações da redação, não ter chefe pegando no pé no fechamento - porque fechamento no Brasil aqui já é madrugada. (Samy Adghirni)

Correspondentes internacionais são pessoas que colocam o trabalho deles - aquilo no que acreditam - a frente de questões pessoais. Ainda que se trate de uma vida vista pelos outros com glamour, chegar a um país novo representa um recomeço não só na carreira - como eles mesmos dizem que é ser foca novamente - mas também um começo na vida pessoal. É um reconhecimento na carreira que não é pra qualquer perfil de pessoa. E não só porque alguns não teriam a capacidade e organização, mas também pela coragem.

O trabalho dos repórteres brasileiros sediados em outros países fornece aos leitores informações interessantes e heterogêneas e que permitam que se entenda o

mundo fora daqui. A carga de responsabilidade no dia-a-dia dessas pessoas é muito grande, uma vez que têm liberdade para fazer os próprios horários e, muitas vezes, a carga de trabalho faz com que se supere 60 horas por semana, ainda que não haja chefe para cobrar diretamente.

São profissionais cujas reportagens têm temas tão variados quanto os temas de um jornal inteiro. Eles apuram notícias de economia, de política de cidades e de cultura, por exemplo. Para isso, experiência nessas áreas, no Brasil, é muito importante. É necessário saber sobre tudo e saber como e a quem perguntar quando não souber algo.

Percebeu-se, nesse trabalho, que os conhecimentos desses repórteres vão muito além de uma faculdade de Jornalismo. São pessoas que aliaram anos de experiência profissional a inúmeras experiências pessoais de viagens, a estudos por conta própria e a heranças familiares, ainda que sem a intenção específica de usar todos os conhecimentos adquiridos para tornarem-se correspondentes.

Conclui-se que é injusto que se substitua repórteres correspondentes por agências de notícias, uma vez que delimitamos bem o papel de cada um. Os primeiros responsabilizam-se por muito mais além dos acontecimentos factuais, enquanto os correspondentes podem se dedicar a matérias de interesse humano. Mesmo quando agências se prestam ao segundo serviço, ainda assim, não é com a perspectiva brasileira necessária para que o leitor dessa nacionalidade de interesse e se envolva com a matéria. O trabalho das agências e dos correspondentes tangem-se no internacional, - ainda que no Brasil o papel delas seja outro - mas as agências não têm estruturas para fazer o que os correspondentes fazem e vice-versa.

Portanto, a presença escassa de correspondentes brasileiros no exterior é uma consequência apenas da situação financeira das empresas de comunicação, uma vez que esses profissionais podem agregar grande valor a uma publicação, por terem a possibilidade de fazer matérias completamente diferentes e que atraem a curiosidade de muitos leitores por tratar de um mundo alheio e curioso ao leitor e por essas pessoas terem o olhar para dizer o que interessa a sua audiência.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNEZ, L. F. **Notícia do mundo de lá: transformações no trabalho dos correspondentes internacionais no século XXI.** (Pesquisa de doutoramento). Universidade de Brasília, 2012.

AGUIAR, Pedro. Por uma história do jornalismo de agência. Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro: ECO/UFRJ (RJ)

ASH, Timothy Garton. Correspondente em extinção. In: **Observatório da Imprensa**, São Paulo, edição 621, 21 dez. 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/correspondente-em-extincao>.

BOYD-BARRETT, Oliver (editor). **News agencies and the turbulent era of the Internet.** Barcelona: Government of Catalonia, 2010.

BRASIL, Antonio. **Cobertura internacional.** O fim dos velhos correspondentes. In: Observatório da Imprensa, São Paulo, edição 641, 10 mai. 2011. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_fim_dos_velhos_correspondentes

BRITTO, Denise Fernandes. O papel do correspondente internacional na editoria exterior. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Anais... Porto Alegre, 2004.

CALABRE, Lia. **A era do rádio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CASTRO, Renata. **Jornalismo Internacional: a mudança na editoria Inter nos últimos 50 anos.** (Monografia de graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

CHARLEAUX, João P. Olhai (direito) para nós! In: **Revista Pangea**, 2001. Disponível em: http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=94&ed=9

COSTA, Fernando Hippólito da. **Hipólito da Costa: Cronologia do fundador da imprensa brasileira.** Natal: 2008.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ESPINOSA DE LOS MONTEROS, Guillermo G.. “Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero”. **Foro Internacional** nº 152-153, Cidade do México: Hemeroteca Virtual/UNAM, 1998.

HAGUETTE, T. M. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAMILTON, J.M. **Journalism's Roving Eye: a history of american foreign reporting**. New Orleans: Louisiana State University Press, 2009.

HANERZ, Ulf. **Foreign news: exploring the world of foreign correspondents**. Chicago: Chicago University Press, 2004.

HOHENBERG, John. A grande matéria: Washington, as Nações Unidas, o Mundo. 1981. In: ELHAJJI, Mohammed; AGUIAR, Pedro. **Apostila de Jornalismo Internacional**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1o semestre de 2008.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **Histórias das teorias da comunicação**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2006

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

PARK, R., “A notícia como forma de conhecimento” In: Charles S. STEINBERG (org). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PUFF, Jefferson. **Correspondentes internacionais na sociedade da informação** (Monografia de graduação). Universidade do Vale do Itajaí, 2005.

SILVA, Carlos E. L. da. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

TRAQUINA, N. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UTZERI, Fritz. Do outro lado do mundo. In. RITO, L.; ARAÚJO, M. E.; ALMEIDA, C.J. M. de; **Imprensa ao vivo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 145-162.

WOLF, M., **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1994, 2002.

ANEXOS

Anexo 1: Biografia dos correspondentes

Ariel Palácios

Correspondente internacional desde 1995, já passou por importantes veículos como as rádios CBN e Eldorado

Ariel Palácios nasceu em 23 de maio de 1966, em Buenos Aires, Argentina. Mudou-se com a família para o Brasil aos três anos de idade. Quis ser diplomata, mas o fato de não ter nascido no Brasil foi um impedimento. Decidiu, então, cursar Jornalismo porque queria ter uma profissão que lhe possibilitasse viajar e conhecer diferentes lugares do mundo. Cursou Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR) e fez mestrado em Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP/SP).

Em 1993, fez um curso de Jornalismo no jornal El País, da Espanha. De volta ao Brasil, ainda estava em dúvida sobre como encaminharia a sua carreira, até que em uma viagem de lazer a Buenos Aires, foi convencido por um amigo espanhol, correspondente do El País, a mudar radicalmente o seu roteiro de vida: "Que tal ficar por aqui e tentar a vida como correspondente *freelancer* para veículos brasileiros?" Com a cara e a coragem, ele topou e está na capital argentina até hoje.

Começou trabalhando para jornal O Estado de S.Paulo, em 1995. Em 1996, passou a ser também correspondente da rádio CBN e, em seguida, do canal de televisão Globo News. E colaborou com a antiga rádio Eldorado, durante três anos.

Continua trabalhando para a Globo News e o jornal O Estado de S.Paulo, cobrindo, além da Argentina, o Uruguai, o Paraguai e o Chile. Também mantém um *blog* intitulado O Hermanos, no portal do Estadão. Foi agraciado com o *Prêmio Estado de Jornalismo 2009*, na categoria *Melhor Blog*.

André Luiz Azevedo

Jornalista com experiência em reportagens investigativas, conquistou o *Prêmio Embratel de Jornalismo*, em 2001, com denúncia sobre a mercantilização do ensino superior no Brasil. André Luiz da Costa Ferreira Azevedo nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 17 de novembro de 1950. Formou-se em Comunicação Social (Jornalismo) pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj).

No mesmo ano em que entrou na faculdade, 1972, começou a estagiar em O Jornal (RJ), publicação dos Diários Associados. Ainda em 1972, foi trabalhar na rádio Jornal do Brasil (RJ), onde permaneceu durante oito anos, exercendo as funções de locutor, repórter, produtor e chefe de Reportagem.

A sua carreira na TV Globo, emissora em que trabalha até hoje, começou em 1981, quando foi cobrir as férias de um repórter da editoria Rio. No ano seguinte, Azevedo foi contratado. Em 1983, fez parte da primeira equipe do *Bom Dia Rio* e foi editor-chefe e apresentador do *RJTV - 3ª edição*.

Em 1991, foi o primeiro repórter a noticiar, no *Jornal Nacional*, um dos maiores escândalos já descobertos no Brasil: a fraude na Previdência Social. A sua reportagem mostrou documentos que comprovavam o movimento de quantias milionárias no Fórum de São João de Meriti (RJ). O escândalo culminou com a prisão da advogada Jorgina Maria de Freitas Fernandes, em 1997.

A partir de 1996, começou a fazer reportagens também para o *Fantástico*. Em uma delas, sobre a mercantilização das universidades particulares, exibida em dezembro de 2001, acompanhou o caso de um rapaz analfabeto aprovado no vestibular de duas faculdades do Rio de Janeiro. A matéria ganhou o *Prêmio Embratel de Jornalismo*.

Outras coberturas marcantes: a morte do jornalista Tim Lopes e a rebelião no Presídio Bangu 1. Como enviado especial à Bolívia, acompanhou a nacionalização das empresas de petróleo e gás do país. Também faz parte da equipe que cobre anualmente o Carnaval Carioca. Em 2010, foi mediador do debate de candidatos ao Governo do Estado da Paraíba.

Em 2011, o repórter integrou a equipe do projeto especial *JN no Ar: Educação*, veiculado no *Jornal Nacional*. Na atração, os repórteres se deslocaram por diferentes cidades a bordo do avião do jornal, fazendo matérias sobre as condições de ensino no País.

Carlos de Lannoy

Repórter de Política desde a década de 1990, trabalhou no Correio Braziliense antes de ir para a TV Globo e Globo News. Foi correspondente da Rede Globo na capital da Argentina antes de ir para Jerusalém, onde permanece desde 2011

Carlos Maria de Lannoy nasceu em Treinta y Tres, no Uruguai, no dia 16 de agosto de 1969. É formado em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB/DF), em 1993, e possui especialização em Política e Mídia pela mesma instituição, concluída em 2007.

Iniciou a carreira durante a década de 1990 como repórter de veículo impresso em Brasília (DF). Entre 1993 e 1997 atuou no jornal *Correio Braziliense* (DF), onde foi repórter de Política, entre assuntos gerais. Em apenas um ano na função, recebeu o *Prêmio Esso Regional Centro-Oeste*, pela matéria *Brasil Real* na categoria *Impresso*.

Em 1997, ingressou na TV Globo braziliense, na função de repórter, e passou a cobrir Política, entre outros temas, para os telejornais da emissora e para o canal Globo News de São Paulo.

Em 2005, passou a ser repórter nacional de Política na capital federal para o *Jornal Nacional* e o *Jornal da Globo*, fazendo entradas ao vivo para informar sobre os assuntos do dia relativos à Presidência da República, Câmara dos Deputados e Senado Federal, além de entrevistas com personalidades do segmento.

Em 2008 foi vencedor do *V Prêmio AMB de Jornalismo* na categoria *Nacional TV* pela reportagem *Raposa Serra do Sol*, exibida no *Jornal da Globo*.

No ano seguinte foi enviado como correspondente para Buenos Aires, na Argentina, onde cobriu, por cerca de dois anos, temas de Política e Internacional, além de atuar como repórter especial para diversos assuntos do país como Cultura, Entretenimento e Futebol.

Desde 2011, está em Jerusalém, em Israel, no Oriente Médio, como correspondente da Rede Globo, atuando nas editorias de Internacional, Política Geral, assuntos de guerras civis e ainda acumulando a função de repórter especial de Cultura e Variedades.

Um dos destaques do seu trabalho na Terra Santa foi a cobertura da Primavera Árabe da Líbia e os últimos minutos do ditador líbio Muammar Kadhafi (1942-2011), capturado e morto pelos rebeldes. Outro, foi a entrevista com o cantor Roberto Carlos, que se preparava para a gravação de um *show* em Jerusalém, durante visita ao presidente israelense Shimon Peres, exibida nos telejornais de ambas as emissoras.

Samy Adghirni

Primeiro correspondente brasileiro de um jornal brasileiro no Irã. Cobriu uma Copa do Mundo, os conflitos da Primavera Árabe e foi setorista no Itamaraty. Escreve também sobre música eletrônica. Samy Leal Adghirni nasceu em 11 de junho de 1979, em Lyon (França). É jornalista formado pela Universidade Stendhal, de Grenoble (França), em 2001.

Filho de marroquino com brasileira, a jornalista Zélia Leal Adghirni. Atuou em diversos veículos franceses, como as rádios France Internationale e BMF, a agência France Presse e a revista *Trax Magazine* (especializada em música eletrônica). Cobriu a Copa do Mundo de Futebol da França 1998 para a rádio Guaíba (RS), de Porto Alegre.

No Brasil, escreveu para o caderno Mundo, foi setorista do Itamaraty e colunista de música eletrônica (*Madrugada Beats*) do Correio Braziliense (DF). Como repórter, cobriu conflitos da Primavera Árabe no Egito, na Líbia e na Tunísia, e fez reportagens no Marrocos, no Irã, no Iraque, no Iêmen, em Israel, na faixa de Gaza, na Cisjordânia, na Síria e na Jordânia, se especializando em assuntos do Oriente Médio e em política externa. Também escreveu reportagens diretamente dos Estados Unidos, da República Dominicana, do Equador, da Argentina e de países europeus.

Desde o final de 2007, trabalha na Folha de S.Paulo (SP), onde é agora correspondente estrangeiro, com base em Teerã. Trata-se do primeiro jornalista brasileiro a ocupar o cargo no Irã, onde já esteve duas vezes como repórter. De lá, é responsável por acompanhar a política, a cultura e a sociedade iranianas, além de cobrir eventos em países vizinhos.

Fonte: Portal dos Jornalistas